



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ARIANA LAIS DA SILVA

**TRAJETÓRIAS ANCESTRAIS EM MEMÓRIAS CORPORAIS POR MULHERES
NA CAPOEIRAGEM DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ARIANA LAIS DA SILVA

**TRAJETÓRIAS ANCESTRAIS EM MEMÓRIAS CORPORAIS POR MULHERES
NA CAPOEIRAGEM DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Elizia Cristina Ferreira.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

ARIANA LAIS DA SILVA

**TRAJETÓRIAS ANCESTRAIS EM MEMÓRIAS CORPORAIS POR MULHERES
NA CAPOEIRAGEM DE SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 19/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a: Elizia Cristina Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^o Dr.^o Bruno Amaral Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

*Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo,
só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas.
Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome.
Da leitura era preciso tirar outra sabedoria.
Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajuda a construir
a história dos seus.
E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que
ficara para trás.
E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia.*

(Conceição Evaristo in Ponciá Vicêncio)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	7
3	METODOLOGIAS	8
4	OBJETIVO GERAL	10
4.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
6	LEITURAS OBRIGATÓRIAS	23
7	CRONOGRAMA	24
	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio.

Conceição Evaristo *in* Ponciá Vicêncio

A presente pesquisa tem o intuito de localizar e contextualizar as mulheres que estão no universo da capoeiragem na cidade de Santo Amaro da Purificação. Cidade que compõe a baía de todos os santos e a identidade cultural do Recôncavo da Bahia, fundada em 1.557 tornou-se município em 1.727 e em 1.837 foi instituída cidade, atualmente é região metropolitana de Salvador e possui cerca de 57.800 habitantes (conforme censo do IBGE de 2010). Estando inserida no ambiente do Recôncavo me deparei inúmeras vezes com apresentações de capoeira, modalidade da qual me inseri. Num primeiro momento, enquanto observava o ambiente de um ponto de vista exterior me chamava à atenção as poucas mulheres, porém de forte presença na roda, depois convivendo com mulheres capoeiristas na grande roda (vida cotidiana) me deparei com formas de ser em muitas delas que me chamou a atenção, a forma segura de falar diante de situações que em mim causariam desgaste emocional ou aparentemente quebrassem a minha couraça com maior facilidade. Elas pareciam donas de um jogo de cintura incorporados como forma de estar no mundo, que ao meu ver comportam esperteza e graça no movimento corporal do interior de si, em contato com o movimento do mundo: “A ginga, entretanto, não é um mero movimento de leva e trás, de faz e não faz, de simulação. Ela tem uma intencionalidade, como já disse. A ginga é uma maneira de sair de situações difíceis; é uma solução para contextos de falta de liberdade; é um regozijo em tempos de libertação.” (OLIVEIRA, 2015, p. 261). Notável também era a motivação e firmeza em falarem de seus interesses pessoais e públicos na grande roda. Não quero dizer com isto que exista um padrão comportamental para tais mulheres ou que sob quaisquer circunstâncias estas manteriam os elementos que de alguma forma me inspiram e inquietam, indicando para uma possível agência da capoeira no corpo e que objetivo neste trabalho entender, pois era como uma técnica de equilíbrio entre corpo, mente e emoção no lidar com as situações, estando em diálogo com as suas potencialidades trabalhadas nas rodas e a forma que o corpo é instigado a se desenvolver como forma segura de existir.

Numa ambientação que tive em regiões do Recôncavo, pude observar que em escala populacional, muitas mulheres negras não mantêm intimidade em sentido de agência política

e/ou educativa, com as vertentes dos feminismos tal como se tem propagado na contemporaneidade e que além de não o fazerem mantêm a consciência de direitos enquanto seres humanos que são, pois tem direitos civis e cobranças sociais, mesmo não alinhadas nos moldes das (re)educações políticas que se posicionam em favor da equidade de gêneros.

Nesta compreensão pude observar tal vivência também desde meu núcleo familiar, ressaltando que foi sobretudo nos contatos estabelecidos com minha mãe e minhas irmãs (mulheres negras) em que pude/posso ser educada, por meio de uma observação pessoal atenta aos posicionamentos destas, que eram contrários a qualquer subordinação ao desrespeito ou “obrigações” infundadas na condição de gênero. Valorizando o direito de respeito de minha/nossa integridade física e a possibilidade de nos expressarmos em trajetórias intimamente marcadas por reproduções do sexismo, tal como a vivência de muitas mulheres que em caminhos percorridos (me) encontrei.

Mediante essas colocações desejo questionar junto a pesquisa qual a relação social existente entre o(s) posicionamento(s) de um(ns) corpo(s) perpassado(s) pelo universo da capoeiragem em que as dimensões filosóficas e culturais são incorporadas e negociadas nas nuances da malícia? Compreendendo a dialética em que emergem os comportamentos deste mesmo corpo que é ou pode ser/estar atravessado por vivências de embates desafiadores ancorados no gênero e/ou na classe social, traços raciais e orientações sexuais, entrecruzados com as vivências corporais, filosóficas e culturais próprias da capoeira, como a ambivalência entre luta e dança que a caracteriza enquanto arte “perigosa” apreendida na dimensão maliciosa do jogo.

2 JUSTIFICATIVA

Pretendo pesquisar trajetórias corporais de mulheres considerando os entrecruzamentos de raça, mobilidade social, orientações sexuais, crenças religiosas ou ausência destas e visões de mundo em que são concebidas as memórias, as expectativas, valores morais e estéticos que impressos nos gêneros femininos singularizam e/ou pluralizam o movimentar-se do corpo dentro do jogo/dança/luta capoeira.

OLIVEIRA toma REIS para discorrer acerca da produção do corpo no tecido social enquanto confluente de significações que fundamentam no gesto as falas do corpo: “Se o corpo é uma construção social, organizado enquanto sistemas de signos, podemos então dizer

que o esquema corporal de um grupo social é depositário de sua visão de mundo.” (REIS, 2000, p. 173 *Apud* OLIVEIRA 2015, p. 262).

Cabe ressaltar que a perspectiva para observar o corpo no sentido do estudo, é no esquema corporal do grupo feminino em que as afrodescendentes estão inseridas social e culturalmente, no que estas mulheres compartilham comumente em suas realidades, e como se organizam estas significações existenciais em suas visões de mundo.

Esta pesquisa contribui para a reconstituição historiográfica tanto da capoeira quanto das posições sociais que as mulheres ocuparam nas mudanças de regimes políticos e culturais, que também atravessam o universo da capoeiragem pela importância que a presença da mulher desempenhou/nha no fortalecimento da ampliação das dinâmicas culturais em Santo Amaro da Purificação.

3 METODOLOGIAS

As metodologias de pesquisa vão se desenvolver ancoradas no método pesquisa-participante de caráter fenomênico em que vou dar continuidade no desenvolvimento do meu corpo trajetória perpetrando as relações sociais no universo da capoeiragem e entendendo o que o meu corpo enquanto ser/estar no mundo aprende em relação modo expressivo de se ser/estar em gestualidade que a muito vem sendo construída de forma consciente ou não, colocando me em conjunto com as capoeiristas, enquanto sujeita de pesquisa, e considerando as complexidades interpretativas que as singularidades das trajetórias vivenciadas implicam nas autonarrativas. Acerca da pesquisa fenomênica, discorre-se: “Prevê a coleta de dados a partir de interações sociais e sua análise a partir da hermenêutica do pesquisador. Não possui condições de generalização e está fortemente associada ao conhecimento filosófico.” (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010 p. 27).

Para relações na capoeiragem e em especial com as capoeiristas pode ser adotada a própria capoeira como ferramenta metodológica de pesquisa e aproximações também ligadas ao movimentar-se dos corpos como caminhadas e corridas para as aproximações dos corpos, das vozes e das interações entre trajetórias que a dinâmica do movimento pode proporcionar extra roda.

As escolhas por estes métodos se deram como uma alternativa plausível para melhor absorção na convivência grupal, pensadas a partir das tensões que podem existir ao falarem em público assuntos considerados polêmicos ou indesejáveis para serem instigados entre os

participantes das rodas ou/e de seus grupos. Para muitas a roda do jogo, chamada muitas vezes de “pequena roda”, é de fato, a grande roda social na qual elas circulam, e ao trazerem para dentro do jogo situações, pensamentos ou gestualidades desagradáveis para os corpos destas pautados na condição de ser/estar mulher na capoeira, pode interferir diretamente em sociabilidade ou nos meios em que estas constroem vínculos sociais com as(os) colegas de roda. Viso compor no decorrer do projeto uma atmosfera de pesquisa como uma possibilidade de conforto em que para as sujeitas da capoeiragem, numa tentativa de minar bloqueios corpóreo-gestuais, respeitando o cunho sensível do solo em que se pretende gestar trocas de aprendizados.

Após o reconhecimento da dificuldade metodológica aplicada neste estudo em decorrência da estrutura na qual o corpo da pesquisa também se inscreve sendo atravessado por variadas facetas do machismo, as dificuldades apontadas estariam em como lidar com o ambiente em que as figuras masculinas são os corpos de maior autoridade na roda, afetando o ambiente nas experiências do falar e tornar pública as insatisfações também existentes no universo da capoeiragem sem constrangimentos, ou incentivadas a falarem em prol de uma construção coletiva pautada no bem estar comum aos corpos, principalmente quando condicionados pela experiência do gênero feminino nas práticas da capoeira.

Presenciei um relato em um dia de roda em que uma capoeirista foi convidada a falar de sua trajetória na capoeiragem a convite do mestre do grupo, ela relatou havia deixado de frequentar as rodas depois de muito tempo nelas, atribuindo a diminuição da frequência, pelo advento da maternidade e com ar de graça atribuía uma boa gestação e parto, proporcionados pela prática da capoeira. A atmosfera criada em coletivo era sensível para todos os que estavam presentes, naquele momento eu enquanto mulher e na condição de entrevistadora considerei que certos desconfortos pudessem ser gerados em roda, tanto na convidada quanto nos membros do grupo, influenciando sobretudo a atmosfera que se criara caso perguntasse se haviam motivos de insatisfação relacionados aos atritos da ordem do gênero que também corroboram a diminuição da presença desta capoeirista nas rodas. Considerando que tal impacto de assunto poderia tomar proporções imprevisíveis na interpretação de cada um presente e ferir a esfera relacional sensível em que sujeita pesquisadora e sujeitas(os) estarão em relação.

É interessante considerar o apontamento de ZONZON, pesquisadora e capoeirista, quando ela discorre sobre o universo etnográfico na pequena roda:

Em primeiro lugar, porque a “primeira impressão” no âmbito de um trabalho etnográfico – como em qualquer outra relação – imprime uma tonalidade, uma ‘frequência’ e abre um universo de possíveis. Gera disposições e orientações que irão, de certo modo, delimitar e delinear as vivências subseqüentes. (ZONZON, 2017, p. 35).

Considerando as sensibilidades de estar na pesquisa também enquanto sujeita das interações que vão se desenrolar e na condução dos escritos etnográficos.

Para o levantamento de dados, acerca dos referenciais educacionais que moldaram os comportamentos de mulheres bem como levantamento das trajetórias de mulheres capoeiras de “antigamente”, será utilizado o método pesquisa documental e levantamento bibliográfico acompanhado de entrevistas com os mestres e os mais velhos que estavam atrelados direta ou indiretamente à capoeira. Compreende-se por pesquisas documental e bibliográfica:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32 *Apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p 37).

E para as trocas com os mais velhos ou mestres; capoeiristas homens e mulheres e demais sujeitos passíveis de serem entrevistados entende-se por entrevista segundo JÚNIOR, Á; JÚNIOR, N:

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas. (RICHARDSON, 1999. p.207 *Apud* JÚNIOR, JÚNIOR, 2011, p. 239).

4 OBJETIVO GERAL

Este projeto de pesquisa visa identificar quem foi e são as mulheres que na cidade de Santo Amaro cultivaram e cultivam relações com o universo da capoeiragem direta ou indiretamente e seus desdobramentos sociais na grande roda (vida social) e pequena roda (vida social na capoeiragem) estabelecendo diálogos entre a prática da capoeira em suas dinâmicas corporais e entrecruzamentos das dinâmicas locais.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São objetivos específicos deste projeto de pesquisa:

- Compreender as especificidades cotidianas em que se constroem as múltiplas faces de trajetórias de mulheres atravessadas pelas diversidades sócio-históricas que configuram e dinamizam os grupos de capoeira localizados no centro comercial da cidade bem como em regiões quilombolas e demais distritos na cidade;
- Fazer os levantamentos de registros: policiais, midiáticos, bibliográficos e outros em que se possam ter referências acerca de como as imagens do gênero feminino foram/são veiculadas e de que formas estas representações cunharam a construção social e educação de mulheres, a fim de estabelecer um parâmetro entre as cobranças sociais direcionadas a estas, considerando que o desenrolar de suas trajetórias apesar de cerceado por estas construções é dinamizado pelas histórias, escolhas, sentimentos, emoções e pensamentos que o corpo contém;
- Compreender as relações expansivas de ligações com a capoeira em que mulheres não estão diretamente envolvidas nas práticas em rodas, porém indiretamente por laços familiares, afetivos ou outras conexões que envolvem o universo da capoeiragem;
- Fomentar vias de aproximações para conhecer e me apresentar a estas mulheres, saber quem são elas.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa decorrerá em regiões que compõem a cidade de Santo Amaro da Purificação. Para compreender a interação do gênero feminino na capoeira é necessário considerar que se tratando da região do Recôncavo, carecem pesquisas que atualizem na historiografia da(s) capoeira(s), a continuidade dos processos histórico-sociais compreendidos nas dinâmicas entre as regiões que compõem o Recôncavo de forma que se ampliem as narrativas que trazem o Recôncavo enquanto berço da capoeira na Bahia.

Na literatura lida sobre a capoeira, as produções são majoritariamente feitas à partir de Salvador e citam as cidades de Santo Amaro e Cachoeira como cenários cruciais no desenvolvimento das linhagens de mestres e capoeiristas na Bahia.

A (re)constituição da imagem nacional da(s) cultura(s) em um Brasil que se queria miscigenado foi onde houve o marco histórico para a capoeira moderna com sua descriminalização que vinha desde 1890 chegando ao fim à partir de 1937, período que foi chamado de Era Vargas ou Estado Novo, desembocando em duas grandes vertentes modernas da capoeira, a saber, a capoeira angola e regional que tem como seus (re)criadores principais os mestres Pastinha e Bimba com enfoque no contexto das dinâmicas urbanas na capital baiana, São Salvador.

É no contexto ideológico e político do Estado Novo, quando se passa de uma política de perseguição/repressão às manifestações da cultura negra para a integração destas ao Estado, que se desenvolve a capoeira baiana em duas vertentes, ambas rompendo com a antiga tradição dos “malandros” ou “vadios” da virada do século para definirem-se como esporte representativo de uma identidade nacional. (ZONZON, 2017, p 21).

Considero que podem aparecer na pesquisa discursos que pautem histórias do trajeto da capoeira na cidade de Santo Amaro, podendo se fazer necessária uma análise dos discursos das vertentes que se formaram nas cidades do Recôncavo, movimentando as configurações e dinâmicas da capoeiragem no que diz respeito às alterações em vestimentas, com a inserção dos abadá e locais próprios para as aulas, às academias.

Podendo captar no processo de recriação de vertentes da capoeira em Santo Amaro, as dinâmicas que foram reorganizadas, e que ainda contemporaneamente ecoam contextos que incorporam elementos comuns à história cultural da cidade. Em Santo Amaro estas construções estão intrinsecamente relacionadas às realidades trabalhistas formais e informais, entendendo que a capoeira teve maior profusão dentre a classe trabalhadora, e compreendendo neste sentido, a palavra trabalhista para todas as formas construtivas que empreendiam exímia dedicação para se construírem por ambos os gêneros. Observados sob o ângulo gênero feminino e universo da capoeiragem pode facilmente desembocar no apagamento da presença de mulheres nas bases que exigiam empenho para sustentar as possibilidades existenciais do universo da capoeiragem. Outrora foram apontadas por pesquisadoras MUTTI e ZONZON as mães de santo, como figuras indiretamente ligadas ao universo da capoeiragem em uma de suas bases mais originais, relacionadas a mandinga e a malícia, pois possuíam a autoridade necessária para intermediar as relações entre capoeiristas e suas práticas de fé, como cita a pesquisadora Maria Mutti, ela diz: “Ele [Besouro de Mangangá] tinha aqui [dorso/pescoço] um patuá que a mãe de santo dele deu amarrado de cordão, que o pessoal dizia que o corpo dele era fechado (protegido) e ele dizia que o corpo dele era fechado por conta daquele patuá.

(Documentário dirigido por ABIB, 2008). ZONZON discorre sobre a presença de mulheres na capoeira por meio do universo religioso do candomblé a que muitos indivíduos e grupos estão atrelados, ela diz: “O vínculo entre capoeira e universo religioso do candomblé, já em consolidação em muitos grupos de capoeira, fornece um lastro à reivindicação por igualdade de gênero, notadamente porque põe em destaque o papel de liderança que as mulheres costumam assumir nessas instituições religiosas.” (ZONZON, 2017, p.308-309)

WERNECK sustenta a compreensão na dimensão mítica em que arquétipos das feminilidades comuns a algumas populações africanas que para o Brasil vieram e aqui consolidaram a continuidade do panteão das orixás nos ofertando inspirações no contexto das agências sociais e políticas não dissociados das dimensões ontológicas nas continuidades afro-brasileiras por mulheres negras, na figura das Ialodês, ela diz:

Se utilizarmos a ialodê como chave de leitura, como metáfora de liderança e auto-governo, verificaremos a capacidade de agenciamento embutida nas formas com que diferentes mulheres negras disputaram e disputam participação em diferentes momentos das lutas políticas. A ialodê reafirma e valoriza a presença e a ação das mulheres individual e coletivamente nos espaços públicos, sua capacidade de liderança, de ação política. Valoriza também as características individuais que Oxum e Nanã carregam: a capacidade de enfrentar ou contornar obstáculos, a negociação, a luta e sua força de vontade para realizar aquilo a que se propõem e que outras mulheres negras e a população negra esperam que façam, contra as variadas formas de violência, estereótipos e desqualificação que lhes são contrapostos. Valorizando também a capacidade de realização, de criação do novo ou da modernização, como Oxum assinala, o que inclui a preservação da tradição, atributo de Nanã. (WERNECK, 2010, p. 15).

São objetivados na pesquisa os desempenhos e relações mútuas em especial as experiências de mulheres que possibilitaram e possibilitam também que rodas de capoeira existam nas esferas anteriores as rodas e no que se entende por capoeira, estando numa extensão que inclui a prática do jogo como constituinte de um conjunto que está além da objetivação da prática possibilitando outras formas de estar/ser capoeirista em que mulheres se envolviam quando estavam acompanhando direta ou indiretamente o desenvolvimento dos capoeiristas com quem poderiam compartilhar laços afetivos ou não estando interligadas por convivência enquanto mães, filhas, irmãs, primas, tias, avós ou companheiras em relacionamentos e/ou outras configurações e estruturas relacionais, interagindo na administração do todo por suas agências particulares ou coletivas se considerando que a capoeira pode ser também um sistema que forma a organização, o simbolismo e as culturas das comunidades negro-africanas e afrodescendentes em função e em junção com todos os indivíduos que compõem as comunidades nas quais mulheres centralizam bases de sustentação.

O termo tradicional é ambíguo na capoeira e existente nos fundamentos de todas as vertentes que já se instituíram na atualidade, sendo estas cerca de quatro vertentes: contemporânea, regional, angola e pôr fim a capoeira tradicional que se mostra como uma espécie de bandeira levantada em alguns grupos de capoeira no Recôncavo enquanto vertente que destoa das vertentes hegemônicas angola e regional, que se estenderam de Salvador para a Bahia e, por conseguinte Santo Amaro, local onde a vertente denominada tradicional vem sendo reivindicada por parte inclusive do grupo de capoeira em que atualmente estou inserida o “Tradição Quilombola” que existe há cerca de três anos aos cuidados de Mestre Sidney, promovido como projeto de extensão nas dependências da UNILAB campus do Malês em São Francisco do Conde e possuindo sede própria na academia de treinamentos localizada em Santo Amaro da Purificação onde frequento nos dois espaços enquanto aluna não iniciada (sem cordel) há cerca de três meses.

Segundo Mestre Sidney a capoeira tradicional é construída nos cotidianos, é a tessitura social que agrega elementos daquele espaço e tempo na singularidade de cada roda. Certa vez ele disse: “A capoeira em Santo Amaro parecia brotar!” Dissolvendo esta afirmação torna-se passível de compreensão que no período anterior à institucionalização da arte em Santo Amaro, o sistema cultural capoeira se disseminava por todas as dinâmicas culturais na/da população, talvez com maior naturalidade ou menos padronizada na lógica moderna da estética e ética comportamental no caráter educacional e socializante da vida em comunidade e da vida do corpo, usando como parâmetro a auto relação aos esforços físicos enquanto intermediários do aprender a se colocar no mundo conhecendo a si próprio e apreendendo na gestualidade em que se manifestam nas rodas representações das negociações que naquele período da história se dava sob menor influência da tecnização das relações em sociedade representadas na grande roda e de igual modo replicadas na pequena roda. Neste contexto, PINTO faz reflexões tomando Acupe, distrito de Santo Amaro, como território de referência da identidade da cultura popular nas imediações, sobre importantes figuras cotidianas que devem ser evocadas, a saber, os mestres.

A formação de um mestre é um processo longo que está relacionado à sua atuação na comunidade, um reconhecimento por seu longo percurso de serviço prestado. É comum ouvirmos de capoeiristas a afirmação de que a capoeira é mais do que uma atividade, e sim uma filosofia de vida. O mestre não se define pela sua habilidade com o jogo ou expressividade com o corpo, é um ancião que domina os códigos sociais, culturais e religiosos da comunidade e busca manter viva parte da sua história relativa à luta e resistência dos tempos da escravidão. (PINTO, M. S, 2016, p. 69).

Conforme PINTO não são apenas as habilidades no jogo e expressividades do corpo em roda que definem a condição de se tornar mestre em sua comunidade, mas as possibilidades ampliadas de perceber quais as necessidades do coletivo e em função destes trabalhar, sobretudo na formação educativa do homem negro que viveu o suficiente para refletir sobre sua trajetória pessoal e vivência coletiva, acompanhando diferentes mudanças sociais, repassando a herança de conhecimento pautada na contraposição de seus erros e acertos em aconselhamentos para outros homens negros e geralmente mais novos, nos modos possíveis de se levar uma vida saudável em sentido vital e socialmente seguro, visto que os condicionamentos sociais em vivenciais dos homens negros, neste caso especialmente acompanhados nas dinâmicas do Recôncavo perpassam de igual modo à criação imagética social/nacional de marginalizações pautadas nos fenótipos racializantes de corpos masculinos/ou masculinizados que compuseram estruturas hierarquicamente projetadas para a subalternidade por outros homens. Neste sentido os universos das capoeiragens podem expressar-se por corpos que personificam classificação racial negra e de gênero. ZONZON aponta para as relações de gênero contextualizando na masculinidade negra o significante expressivo que é para estes serem e estarem no mundo da capoeiragem e por meio da capoeiragem estarem em sociedade enquanto signo da identidade destes:

Esses modelos/capoeiras que são vistos (os alunos não só os veem como os observam para aprender) têm/são corpos, que podem ser de diferentes tamanhos, portes, ou mesmo, mais raramente, cor, vestem determinadas roupas e se caracterizam mais particularmente por um estilo.[...] Em suma, quem é reconhecido como capoeira, ou mais velho, isto é, parte do universo da tradição, é um corpo, de homem, em que outro homem aprendeu a se espelhar. (ZONZON, 2017 p.311)

Sustentando em paralelo a sensibilidade relacional da alteridade corporal e estilística que o gênero demarca:

O que se nota, pelo contrário, é que as mulheres são desconhecidas, não necessariamente individualmente, mas sim genericamente (é o caso de dizer!): vestem outras roupas, têm outro porte, são outros corpos. Nessa perspectiva, o corpo feminino não prolonga as versões tradicionais da malandragem de outrora, nem mesmo da identidade africana, uma vez que – a despeito dos discursos sobre o poder da mulher na cultura africana –, na capoeira, a africanidade é corporificada em homens. (ZONZON, 2017 p.311).

Neste sentido cabe à pesquisa refletir sobre como se dão por vias de aprendizagem corpórea das práticas capoeirísticas privilegiando as experiências em jogo das poucas, porém presentes mulheres negras enquanto extensão legítima da africanidade em que a capoeira aporta, por estarem no contexto da identidade cultural local em partilha com o ordenamento

educativo da comunidade, sendo indissociável da africanidade para ambos os gêneros. Sem lançar mão da massiva ausência de mulheres negras nas rodas enquanto fenômeno passível de estudos futuros.

Para estruturar um quadro de análise pautado no gênero feminino procurarei identificar qual o corpo das construções morais formativas da educação formal e informal¹ imbricadas no gênero e contextualizado em tais regiões, precisando de que forma se dão os padrões em que se constituem códigos comportamentais destinados às mulheres no imaginário social, atravessados por auto percepção racial e/ou traços raciais, considerando as multiplicidades de auto reconhecimentos fenotípicos que na formação identitária podem singularizar tanto a auto percepção quanto a forma com que estas mulheres sejam lidas sócio racialmente entendendo de quais formas estas interações operam nas mobilidades sociais, dando ênfase na presença da mulher negra no interior cultural afrodescendente característico do processo histórico e da autoafirmação grupal das raízes identitárias negro-africanas no universo da capoeiragem em Santo Amaro, considerando também a presença de mulheres não negras que estão/são envolvidas com a capoeira, contrapondo todas as presenças com o conjunto de interpretações e sistematizações nas entrevistas que serão feitas no campo. Considerando as construções sociais em que percorreram as histórias antigas sobre mulheres que viveram em contato com as rodas de capoeira e a jogaram na cidade de Santo Amaro sendo estas: Maria Bananeira e Dona Neném, ambas já faleceram, (dados coletados com Mestre Sidney do grupo de capoeira Tradição Quilombola no qual iniciei meus primeiros contatos com a prática da capoeira) entendendo como se deram antigamente e como se dão nos dias atuais o contato de mulheres com a capoeira e o que isto representa e representou enquanto dado social importante para as narrativas históricas que perpassam gênero e raça em manifestações de identidade cultural destas regiões, considerando que para uma mulher negra e/ou capoeirista a construção social perpassa machismo, racismo e em escala populacional negra escassez de recursos básicos, trajetórias de mulheres que tal como as trajetórias das Ialodês em suas diversas configurações sociais passaram por necessários desenvolvimentos estratégicos de negociações consigo mesmas e em agência com as figuras que compõem suas tramas. Notando que nos estudos lidos sobre as capoeiras, alguns quando se referem ao berço da capoeira na Bahia trazem o Recôncavo enquanto *continuum* de aglutinação cultural das ancestralidades africanas em que esta se originou deixando uma espécie de congelamento

¹O sentido empregado na pesquisa para distinguir a educação formal da educação informal, considera por formal os meios educativos instaurados para lidar especificamente com área educativa, como as escolas, e informal são todos os meios que indiretamente nos educam na adequação à realidade local que inclui: músicas, influências por mídias, religiosidades, etc.

temporal nos estudos sobre as continuidades atravessadas pelas dinâmicas sócio-culturais próprias do Recôncavo considerando que existe uma ausência da continuidade histórica-social da manifestação na formação cultural pós-criminalização na abordagem das vertentes em disputa tradicional e contemporânea pelos grupos de capoeira da região, onde as similaridades aparentam as vertentes angola e regional em um mesmo jogo, podendo em potencial terem estilos próprios apesar das similaridades das vertentes citadas. Considerando o recorte populacional que compõem as dinâmicas e organizações sociais quilombolas em que as culturas africanas e afro-brasileiras manifestam as formas corporais em que a capoeira se expressa no recôncavo, pois boa parte da força de identidade cultural no Recôncavo perpassa as comunidades quilombolas, enfocando na pesquisa as mulheres quilombolas pois são fundamentais na construção da identidade cultural afro-diaspórica.

É considerável que no Estado Brasileiro o processo de incorporação estrutural de mulheres negras enquanto cidadãs com suas particularidades históricas e sociais começaram com muito atraso (dependendo da perspectiva é cabível e justa a consideração de avanço ao invés de atraso) até mesmo nos movimentos feministas iniciais que era majoritariamente composto por mulheres brancas quando fundados, e que como tal continham às ausências no estudo social e histórico dos gêneros atravessados pelas diversidades étnicas que foram constituintes da nação e que vieram a serem incorporadas aos movimentos feministas tempos depois, nos feminismos negros.

Num movimento de se (re)pensar e (re)narrar em sociedade enquanto coletivo de representação social e cultural, mulheres negras têm pesquisado e produzido levantamentos nos âmbitos: político, jurídico e demais setores formais e não formais de estudos que deveriam abarcar também as presenças negras femininas bem como suas construções em sociedade distantes da representação que narra existenciais qualificadas pela condição servil e esvaziamento de subjetividades em que estas são estereotipadas.

Nas imposições de perfis sociais alocados na sexualidade que no sistema patriarcal desempenham locais considerados para o gênero masculino e locais para o gênero feminino, pretendo entender em quais condições de desestímulo e de estímulo às mulheres que adentram este universo percebem-se e o que isso representa para as capoeiristas entrevistadas. Pretendo acompanhar também de que forma se dá a continuidade na modalidade considerando quais as dificuldades relacionadas a outras funções que estas mulheres desempenham socialmente, como família, trabalho, outros esportes ou outras atividades, considerando suas idades, auto identificação racial e classe social que estejam inseridas.

Concluindo que o recorte das análises versa sobre a relação corporal da prática da capoeira atravessada por gêneros, raças e culturas abarcando os estigmas de inferioridade especificados nos signos dos femininos, das raças e culturas negras. Entendendo de que forma pode haver a interiorização nos corpos femininos negros destas inferioridades em contraposição com os desenvolvimentos reativos próprios na natureza da capoeiragem como a autoconfiança que é habilidade trabalhada nos corpos e mentes das(os) capoeiristas, compreendendo o antes e depois da capoeira e as diferenças em suas práticas assíduas ou não em relação às percepções do corpo nos estados: físico, mental, emocional e espiritual de suas praticantes, por meio de suas narrativas, conforme NOGUEIRA: “Esta prática cultural produz conhecimentos tanto sobre a vida espiritual quanto sobre a vida corporal, ou seja, sobre a formação do ser humano em todas as dimensões da existência física, mental e espiritual.” (NOGUEIRA, 2015).

Pesquisar as histórias de mulheres na capoeira pressupõe uma história que se constrói em variadas facetas, conforme as vivências de cada capoeirista no universo da capoeiragem e de perceber que esta temática é de poucas bibliografias tanto na linha histórica da capoeira quanto na linha histórica das inserções de mulheres em ambientes considerados para homens e em que estas habitavam por diversos fatores. “Não se dispõe na ampla bibliografia acessada para a presente pesquisa tratando da capoeira (centenas de textos, artigos, dissertações, tese e livros) de uma análise, qualquer que seja a orientação teórica ou metodológica, que seja dedicada às relações de gênero na capoeira.” (ZONZON, 2017, p.300) Culminando num esforço maior em contextualizar esta(s) trajetória(s) em regiões que como Santo Amaro. A maior parte das poucas representações encontradas sobre mulheres na capoeira se deram em Salvador, Rio de Janeiro e Belém do Pará, conforme estudos: “Reza a lenda que, na época em que as maltas de capoeiras do século XIX infestaram as cidades do Rio de Janeiro, Belém e Salvador, as mulheres tinham a função de esconder as armas e repassá-las no momento dos grandes confrontos entre grupos inimigos.” (PIRES, 2012, p. 286) Estas mulheres geralmente aparecem enquanto negociantes e trabalhadoras que tinham acesso às dimensões urbanas sendo vendedoras, prostitutas ou figurando outros papéis sociais.

As mulheres que participaram do universo da capoeira no século XIX e na primeira metade do XX, momento em que os praticantes estiveram sob forte repressão policial e jurídica, pertenciam a grupos marginalizados na sociedade da época. Na condição de trabalhadoras, marginais, prostitutas, aproveitaram a capoeira para se adaptar ao mundo das ruas, da repressão, da violência e de estratégias de sobrevivência do dia a dia. (PIRES, 2012 p.294)

Diante de tais afirmações me questiono quais eram as formas de acessos urbanos que as mulheres afrodescendentes tinham e têm em Santo Amaro? De que modos estas mulheres formavam e formam as suas rendas? E quais eram os perigos construídos no imaginário social, justificados nas relações de gênero no cenário urbano da cidade? Discorrendo ainda sobre a vida urbana destas mulheres o autor salienta conforme Leal: “Mas que reino era esse? Acredito que ele se referia ao reino das ruas, onde existiam formas de poderes microssociais, cotidianas, que eram reveladas por indícios nem sempre claros, mas demonstravam a existência de códigos que interferiam na dinâmica do dia a dia das cidades.” (PIRES, 2012, p. 286) E continua: “A capoeira serviu a elas como arma de defesa, como cultura de negociação, como esperança de sobrevivência.” (PIRES, 2012 p. 294).

A fama das mulheres capoeiristas corria nos burburinhos da sociedade da época, em que papéis sociais eram construídos nas mentalidades por vias de educação das mulheres incorporando às vivências das mulheres os valores que figuravam o comportamento pautado no que se construía enquanto boa moral sob a influência da criminalização legal da capoeira e fundamentada no perfil marginalizante dos que compunham este universo.

A imprensa, por sua vez, denunciava o comportamento moral dessas mulheres, com o intuito de repreendê-las a não provocar esses comportamentos nas mulheres da alta sociedade (BARBOSA, 2005; OLIVEIRA; LEAL, 2009; SOUZA, 2010; MENEZES, 2008. *Apud* FILHO; MURICY. 2016, p. 45).

Como parâmetro de análise sobre a veiculação da imagem da mulher capoeirista por um estudo feito num período mais recente que se estendeu de 1998 a 2000 analisou cerca de 48 edições de duas revistas, chegando aos seguintes resultados:

Dessa forma, notamos que a “Revista Capoeira” confeccionou 6 (seis) capas onde a imagem principal feminina é de uma artista, símbolo sexual, como as atrizes Fernanda Maria Cândido e Paula Burlamaqui, as personagens “Tiazinha”, “Feiticeira” e “As Ronaldinhas” e a dançarina Sheila Mello, do grupo “É o Tchan”. Todas as personagens, com exceção das atrizes mencionadas, estão atualmente com suas imagens “ultrapassadas” nos meios de comunicação de massa. (SILVA, p.3).

E abordando por uma interpretação de FILHO continua:

De acordo com Castellani Filho (1993) a transformação dos corpos em mercadoria tem uma ligação direta ao mercado consumidor das atividades físicas que repercute diretamente na Educação Física. Essa, por sua vez, se encontra sintonizada com o sistema capitalista sofrendo suas influências. No caso analisado podemos afirmar que a Capoeira também sofre as mesmas influências e apresenta nas imagens veiculadas em suas revistas o corpo mercadoria a ser comercializado e consumido. (SILVA, p.4)

Das referências aos estudos que procuraram abarcar e dar continuidade à construção imagética do perfil de mulher aceito e, neste sentido delineando as representações das mulheres vinculadas à prática da capoeira observa-se que estas eram figuradas em meados do final do século XIX e início do século XX de forma marginalizada e associada à masculinidade quase que instantaneamente e enquanto associação pejorativa, vemos contrapartida que o ressurgimento da figura da mulher capoeirista no século XXI ocorre por meio de corpos notadamente reconhecidos pela exacerbação do sexo no corpo, em função das potências da indústria sexual pela indução visual ao apelo da comercialização do corpo e midiática, em que tanto a exposição hiperssexualizada quanto a “novidade” da figura feminina na capoeira garantiriam efeito polêmico causando a profusão na veiculação destas reportagens.

Dosando estas tensões na imagem do um corpo que é associado à masculinidade por se tratar de uma mulher que demonstra boa técnica em roda, como presenciei numa conversa pós-treino, em que para afirmar que uma capoeirista era exemplar referia-se a ela afirmando: “A mulher jogava como um macho!” Entendo que nessa expressão está contida a afirmativa que define o estilo da malandragem ou da malícia corporificado estilisticamente nos corpos de homens, considero de igual modo importante ressaltar que apesar da afirmativa significar um elogio para a capoeirista que desenvolveu habilidades numa tradição cultivada por homens, a imagem corporal significativa do gênero que de fato corporificou um bom desempenho na roda foi/é subsumida no esvaziamento das potencialidades deste corpo que não por acaso “é” mulher. Ou sendo subsumidas na hiperssexualização, que reduz as extensões do gênero feminino em todas as suas complexidades e subjetividades na exacerbação sexual, podendo culminar no rompimento com a sensação de bem-estar que as atividades no corpo proporcionam para estas capoeiristas. Incluo também outros ambientes esportivos bem como a prática de outros esportes, pois o que é estruturado em sociedade, a saber, a degradação do corpo simbólico e físico da(s) mulher(es), incide nas rodas, nos treinos, e em outros espaços/grupos sejam estes macros ou microsociais.

A capoeira configura a esfera dos valores educacionais que eram partilhados por seus praticantes relacionando as realidades civis e os valores civilizatórios das populações negras que passaram por um processo de estruturação subalternizante em que o corpo foi a mais fundamental forma reativa, conforme TAVARES: “De uma ponta a outra do continente americano a população negra se utilizou do corpo como veículo de resistência sócio-cultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta (como

a capoeira), seja ainda através da oralidade, a via corporal foi o percurso adotado para combate e resistência.” (TAVARES 1997, p. 216)

As mudanças estruturais que ocorriam no Brasil enquanto regime político para homens e para mulheres afrodescendentes compuseram diversas realidades negras, conforme cita WERNECK, contextualizando no gênero:

Ao afirmar estas heterogeneidades, destaco a diversidade de temporalidades, visões de mundo, experiências, formas de representação, que são constitutivas do modo como nos apresentamos e somos vistas ao longo dos séculos da experiência diaspórica ocidental. Tais diversidades fazem referência às lutas desenvolvidas por mulheres de diferentes povos e regiões de origem na África, na tentativa de dar sentido a cenários e contextos em rápida e violenta transformação. (WERNECK, 2010, p. 10).

Deste modo somam-se aos contextos de modificações sociais a emergência de ações que como a capoeira une em coletivo, educa e ensina a proteção de um corpo que é seguro apenas em si, conforme TAVARES:

Assim, a capoeira foi uma resposta emergencial acionada pelos negros que visavam recuperar a cosmovisão que se atualiza nos gestos, realimentando as heranças de socialidade interpessoal e os modelos de comportamentos adotados por intermédio dos movimentos corporais cravados nos hábitos cotidianos. (TAVARES, 1997, p. 217).

As vivências na qual as pesquisas sobre a capoeira se desenrolam no período em que esta era criminalizada por volta do século XX tem referências segundo Liberac em processos crimes arquivados onde o autor chega ao cálculo de análise em que diz “ O material catalogado sobre a capoeira em Salvador, referente aos processos-crime com base no artigo 303, agressões físicas, do Código Penal de 1890, é constituído de 92 processos-crime, com apenas 3% relacionando as mulheres na posição de réus, porém, como vítimas, a porcentagem cresce para 10%.” (PIRES, 2012, p. 290) As relações de gênero na capoeira em continuidade aos dados que figuram o perfil de ambivalência dos homens capoeiristas podendo ora serem protetores de suas mulheres ou serem a personificação do perigo para o gênero oposto ganha contornos nos estudos de ZONZON em que configurações contemporâneas aludem a continuidade de atritos de gênero e violência contra a mulher envolvendo a prática da capoeira ou na roda de capoeira, ela diz: “Como afirma uma capoeirista que entrou com queixa na justiça após ser violentamente agredida na roda: “sei muito bem o que é capoeira, jogo e o que é violência”.” E complementa: “Se um dos adágios filosóficos dos capoeiristas alerta que “o mundo dá volta”, essa reaparição da polícia no universo da capoeira, do qual ela

se divorciou desde sua legitimação, parece corroborar essa visão cíclica da vida.” (ZONZON, 2017, p. 309).

Diante de tais leituras me questiono qual(is) o(s) contexto(s) poderei me deparar em Santo Amaro compreendendo que por se tratar de um contexto em que quase todos os sujeitos circulantes do ambiente da capoeira se “conhecem” considero que potencialmente hajam alguns tipos de receio em abordar tais questionamentos tanto em entrevista individual quanto em entrevista grupal, tal como foi percebido por mim em meus contatos nos treinos de alguns grupos de capoeira no Recôncavo em que até mesmo a presença de mulheres é ainda muito tabu. Trabalhando na perspectiva das trajetórias singulares em que continuidades e desistências, estímulos e desestímulos, visões de mundo, é que se pretende abordar a temática das fortes mulheres em movimento na construção da pequena e grande roda.

6 LEITURAS OBRIGATÓRIAS

Segue lista de obras científicas centrais mapeadas até o momento e que serão lidas e atualizadas no cronograma de revisões de literaturas subsequentes:

CARNEIRO, SUELI. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** São Paulo: Feusp, 2005. 339 p.

FREIRE, IDA MARA. **Água e pedra: texturas de um corpo social em mudança.** Florianópolis: UFSC. ILHA v. 13, n. 1, p. 95-112, jan./jun. (2011) 2012.

MESTRE PASTINHA. **Capoeira Angola.** 3ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões . **A Capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937).** Porto Nacional: Fundação Federal do Tocantins, NEAB; Goiânia: Grafset, 2004. 202 p.

SANTOS, Maura Evangelista dos. **Juventude e educação não formal: as rodas e outras vivências na associação de capoeira arte e recreação berimbau de ouro, na cidade de Santo Amaro – BA.** Feira de Santana: UEFS, 2016. 165 p.

SANTOS, Edmar F. **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia.** Salvador: EDUFBA, 2009. 209 p.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WERNECK, Jurema. **O Livro da Saúde das Mulheres Negras.** Editora: Pallas / Criola. Ano: 2000.

7 CRONOGRAMA

ETAPAS	ANO					
	2018		2019		2020	
	1º sem/2º sem.		1º sem/2º sem		1º sem/2º sem.	
1. Atividades: Experimentações na capoeira em treinos, conhecimento de grupos e mulheres capoeiristas.	x	x	X	x	x	x
2. Revisão de literatura	x	x	X		x	x
3. Coleta de dados: Iniciação metodológica em dinâmicas com grupo focal e entrevistas individuais.			x	x	x	x
4. Análise e discussão dos dados			x	x	x	x
5. Elaboração do relatório para de pesquisa					x	x
7. Redação final do TCC						x
8. Defesa						x

REFERÊNCIAS

- FILHO, V. F. M.; MURICY, J. L. S. **Mulheres na história da Capoeira: contribuição ao necessário debate sobre mulheres nas lutas sociais**. Jacobina-BA: UNEB, 2016.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Censo demográfico de 2010 para Santo Amaro da Purificação**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-amaro/panorama>. Acesso em: 14/11/2017.
- JÚNIOR, Á. F. B.; JÚNIOR, N. F. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. *Evidência*, Araxá/mg, v. 7, n. 7, p.239, maio 2011. Anual.
- KAUARCK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010, p.27.
- MEMÓRIAS do Rêconcavo - Besouro e outros capoeiras*. Direção: Pedro Abib. Bahia. Produção: Doc Filmes Produções Audiovisuais. 55:13 min. Ano 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvP42zM5axM&t=2453s>. Acesso em 27/10/2017.
- NOGUEIRA, S. G. **Capoeira angola de Pastinha: análise de princípio cultural à luz da psicologia africana**. In: FREITAS, J. M. (Org.). **Uma coleção biográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- OLIVEIRA, E. **Capoeira e Filosofia**. In: FREITAS, J. M. (Org.). **Uma coleção biográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- PINTO, M, S. **O mestre e o mestrisimo: A dialética no jogo das relações culturais**. In: NASCIMENTO, C, O, C; ALVES, R, C, D, P. (ORGS.). **Cultura e negritude: linguagens do contemporâneo**. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016, v. 4.
- PIRES, A. L. C. S. **Uma “volta ao mundo” com as mulheres capoeiristas: gênero e cultura negra no Brasil (1850-1920)**. In: XAVIER, G.; FARIAS B, J.; GOMES, F. (ORGS.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- REIS, A. D. **Mulheres “afro-ascendentes” na Bahia: gênero, cor e mobilidade social (1780-1830)**. In: XAVIER, G.; FARIAS B, J.; GOMES, F. (ORGS.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- SILVA, P. C. C. **Imagens da mulher na capoeira**. Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação strictu sensu em Educação, conhecimento, linguagem e arte – LABOARTE – Unicamp/SP.

TAVARES, J. Educação através do corpo: a representação do corpo nas populações afro-americanas. REVISTA DO IPHAN Nº 25 ANO 1997.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. Physis. vol.19 nº.3 Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013> - Acessado em: 14/12/2017.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da ABPN: Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. V. 1, n. 1 - mar-jun de 2010.

ZONZON, C. N. Nas rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição. Salvador: EDUFBA, 2017, p.13-126, 300-317.